

Novos muros: “*I can’t get no... satisfaction*”.

Andréa Rolo

Em um de seus textos sobre a temática do amor, Freud nos diz acerca da existência, em todos os tempos, de algo que faz barreira à vida erótica. Naquele momento histórico, época vitoriana, a moral tomava conta dos costumes:

“Pode-se verificar, facilmente, que o valor psíquico das necessidades eróticas se reduz, tão logo se tornem fáceis suas satisfações. Para intensificar a libido, se requer um obstáculo; e onde as resistências naturais à satisfação não foram suficientes, o homem sempre ergueu outros, convencionais, a fim de poder gozar o amor. Isto se aplica tanto aos indivíduos como às nações. Nas épocas em que não havia dificuldades que impedissem a satisfação sexual, como, talvez, durante o declínio das antigas civilizações, o amor tornava-se sem valor e a vida vazia; eram necessárias poderosas formações reativas para restaurar os valores afetivos indispensáveis”.¹

Vivemos atualmente uma época bastante distinta da época vitoriana, mas bem próxima daquilo que Freud descreve como a ausência de dificuldades que impedem a satisfação sexual. Ao mesmo tempo, Freud tece considerações importantes que estendemos para a nossa época: a necessidade de “poderosas formações reativas” para que o amor não se torne sem valor, e a existência de dificuldades que impedem a vida erótica mesmo em momentos de grande liberdade.

Com a canção “*I can’t get no... satisfaction*”, o grupo Rolling Stones, na década de 60, protestava contra a repressão sexual, atribuindo-lhe o impedimento de obter satisfação. Mick Jagger gritava o refrão acima em um momento importante de questionamento dos valores morais. No entanto, percebemos aí uma ambiguidade, pois a própria insistência repetitiva do

¹ FREUD, S. “Sobre a tendência à depreciação na esfera do amor”. Em: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, vol.XI, p. 170.

refrão indica a impossibilidade de obter satisfação. Mesmo com a liberação sexual algo persiste insatisfeito.

A escolha dessa música para intitular este trabalho decorre também da presença nela de um protesto contra os objetos de consumo que já começavam a invadir o mundo nessa época.

"When I´m driving in my car
And the man come on the radio
He´ s telling me more and more about some useless information
When I´m watching my TV
And a man comes on and tell me
How white my shirt can be".²

O novo tempo que se coloca nos leva a questionar: não havendo mais a moral vitoriana, o que faz o encobrimento da relação sexual que, estruturalmente, não há? Jacques-Alain Miller, em "Teoria do Parceiro", nos fala acerca das parcerias amorosas:

"O parceiro, na condição de parceiro sexual, jamais está prescrito, ou seja, programado. Nesse sentido, o Outro sexual não existe em relação ao mais-de-gozar, vale dizer, o parceiro verdadeiramente essencial é o parceiro de gozo, o próprio mais-de-gozar. [...] É precisamente sob essa perspectiva que Lacan elaborou [...] que o parceiro do sujeito não é o Outro, mas sim o que vem substituí-lo sob a forma de causa do desejo. Eis aí a concepção radical do parceiro que faz da sexualidade uma vestimenta do mais-de-gozar".³

Chama-nos a atenção algumas colocações de Miller. O parceiro do sujeito não é o Outro sexual. A relação sexual não está escrita. A passagem do objeto mais-de-gozar para objeto causa de desejo pressupõe a operação de castração, que situa o sujeito como "a menos". E principalmente, a primazia do lugar do objeto em relação ao Outro no circuito pulsional pode ser constatada nos dias atuais.

² Quando estou dirigindo meu carro/ E um homem aparece no rádio /Ele está me dizendo mais e mais, sobre alguma informação inútil/ Quando eu estou assistindo minha TV/ E um homem aparece e me diz o quanto minha camisa pode ficar branca.

³ MILLER, J.-A. "A teoria do parceiro" Em: *Os circuitos do desejo na vida e na análise*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

Lacan nos falou sobre o objeto *a* chegar ao zênite na cultura, fato que vivemos cotidianamente nas cidades. Excesso de ruídos, sons em decibéis incríveis, poluição visual com *merchandising* espalhado por toda parte. Em suma: um apelo ao objeto como se este fosse acessível.

Dentre as propagandas, o corpo nu é frequentemente posto em destaque. Recentemente ouvi, em um filme de Claude Chabrol, "Uma garota dividida em dois", um personagem masculino dizer: "nunca vi, sem poder tocar, tantas bundas e peitos na minha vida como atualmente. Acho que isso ocorreu depois da queda do muro de Berlim. Um novo muro se ergueu entre as pessoas". Na fala do personagem explicita-se que se trata da queda do muro do Ideal, e a guia é o objeto pulsional. Mas, ele diz, um outro muro se erigiu. Que muro traria como consequência a vida erótica empobrecida lamentada pelo personagem?

Minha proposta neste artigo é de analisar a fala de algumas pacientes mulheres, apontando o que do feminino contribui para o empobrecimento da vida erótica. Pois, percebo, na clínica, a dificuldade exposta por Miller no que diz respeito ao parceiro sexual como sintoma, ao objeto *a* como vestimenta do mais-de-gozar. O Outro como parceiro sexual não se dá e muitas mulheres se fixam em uma relação sintomática com seus filhos.

Quem dorme na cama de casal?

"Não durmo com meu marido, cada um dorme em um lugar da casa. Ele cai no sono no sofá da sala assistindo TV, e eu durmo no quarto torcendo para ele não vir para a cama". Ou então: "durmo no quarto de meu filho de dezesseis anos e de minha filha de cinco de idade. Fico com pena de deixá-los sozinhos em outro quarto. Depois que o pai deles me deixou, fico o dia todo no trabalho. Minha patroa me disse: vai para casa à noite, pois assim pelo menos você dorme com eles. O problema agora é que meu filho quer dormir agarrado com sua irmã. Estou ficando muito preocupada".

Essas vinhetas demonstram o que tenho escutado com muita frequência: o desinteresse ou a dificuldade de um ou de ambos parceiros do casal em manter uma vida erótica. Contudo, o que aparece como problema principal

é a relação com os filhos. A colocação em segundo plano das questões eróticas e o super investimento nos filhos poderia ser considerado como uma nova forma de encobrimento da não relação sexual?

Em "Nota sobre a criança"⁴ temos o filho no lugar do sintoma do casal parental ou como objeto *a*. No que diz respeito à fantasia materna a criança sempre tem o lugar de objeto. A questão que me coloco, então, em função da precariedade do parceiro sexual, é se as crianças não estariam situadas no lugar do sintoma da mãe, ao invés de sintoma do casal parental. Elas estariam também mais próximas do lugar de objeto da mãe, sem necessariamente entrarmos na ordem da psicose.

Freud, em suas investigações sobre o feminino, propõe, como saída para o complexo de castração, a mulher ter um filho como substituto do falo. Lacan opera uma reviravolta a esse respeito. Ele pensa o feminino conforme um gozo que lhe é próprio. Em suas fórmulas da sexuação, a mulher está inserida no fálico, mas ao mesmo tempo está situada fora desse gozo, por manter uma relação de proximidade com o gozo do Outro. A saída pela maternidade estaria assim ligada ao gozo fálico como uma maneira de localização do gozo. Contudo, a maternidade não responde à questão que Lacan põe a descoberto sobre o gozo feminino e sobre o que é ser uma mulher, que é deslocada para alhures.

Quem vai às compras? Consumindo o feminino.

"Estou com cinco talões de cheques para pagamento. Estou completamente endividada. No final do mês saio espalhando os talões para o meu marido e meu filho. Tenho comprado muito mais do que posso. Compro para presentear as pessoas. Essa é a minha alegria, é a única maneira de me sentir feliz". Outra mulher diz: "sou revendedora da Avon, mas vou parar com isso. Quando saem as novidades, eu mesma compro. O dinheiro da venda não cobre o que gastei. Meu marido diz para eu trabalhar, mas prefiro ficar com meus filhos". Em uma frase que recebi por e-mail temos: "Conseguiram localizar o ponto G das mulheres: está na loja mais próxima

⁴ LACAN, J. "Deux notes sur l'enfant" (1969). Em: *Ornicar?* N.37. Paris, Navarin, 1986.

delas". Assim como encontramos no bordão publicitário de um jornal: "você se apaixonou pelos vestidos e os homens se apaixonam por você".

As falas que recolhi partem de mulheres tomadas pela compulsão de consumo. A primeira compra para dar aos outros. A segunda compra para se embelezar. Na dificuldade de interpretar o desejo do Outro, elas respondem à demanda pelo imperativo atual do consumo. Imperativo que podemos perceber no bordão que tenta tornar o vestido o objeto das mulheres. Portanto, verificamos a tentativa do publicitário de se apropriar da pergunta: "o que um homem pode desejar em uma mulher"? Ele responde a essa pergunta, feita no singular de cada sujeito, com uma resposta universal: o objeto de consumo. Nessa direção, a dispersão do gozo feminino nas lojas e nas compras ganharia, com o ponto G, uma tentativa de localização do gozo.

Seriam as mulheres presas mais fáceis do imperativo consumista pela dificuldade de localizarem o gozo e pela dificuldade de responderem à questão "o que o homem deseja na mulher"?

Para concluir

No percurso deste artigo pontuei o momento em que a sexualidade passa por uma liberação, que não vem sem a conseqüente constatação da existência de obstáculos para sua realização. Ao contrário do esperado, a sexualidade esbarra na castração e no esforço de manutenção da busca por um objeto que não há. Além disso, temos as mudanças culturais com a queda do Ideal e a elevação do objeto ao zênite no social. Assim, a assunção da sexualidade pelos sujeitos torna-se um esforço a mais, visto que o objeto está pulverizado. É no fracasso dessa passagem que vemos surgir, na atualidade, o filho como objeto do sujeito feminino. Daí nossa hipótese de a criança estar situada como sintoma da mãe, e não do casal parental. Na direção do objeto que satura a falta, localizamos a insistente promessa do objeto de consumo como satisfação.

Voltando então à passagem, em Freud, que incitou este artigo, temos que em qualquer época há sempre algo que faz obstáculo à vida erótica. Sendo

assim, a questão que se apresenta em nossos dias diz respeito aos muros, que se erguem diante da sexualidade, apontarem, no entanto, para um empuxo ao gozo mais forte ainda, como o gozo do Outro capitalista.

Podemos esperar, depois da época neo-liberal, um desencantamento diante de tamanho empuxo ao gozo da cultura, com a retomada de "*I can't get no... satisfaction*"?